

Novo Recife velho

Uma faxina devolve a beleza arquitetônica ao bairro onde nasceu a capital pernambucana

Felipe Oliveira

Até pouco tempo atrás, o bairro onde nasceu a capital pernambucana era um símbolo da degradação urbana. A região, conhecida como Recife Antigo, estende-se ao longo do cais do porto e tinha-se transformado em ponto de prostituição e venda de drogas. Casarões de fachadas belíssimas, construídos durante o ciclo da cana-de-açúcar, no século XVII, estavam abandonados e em ruínas. As ruas, esburacadas e mal iluminadas, eram um lugar perigoso, onde ninguém se aventurava a transitar à noite. Em três anos, tudo mudou. Um mutirão acaba de transformar o bairro no mais novo exemplo de preservação do patrimônio histórico no Brasil. Os casarões foram reformados e pintados, as praças estão limpas e arborizadas, uma nova fiação subterrânea substituiu os antigos postes da rede elétrica e a paisagem recuperou todo o seu esplendor arquitetônico.

A faxina custou 6 milhões de reais, divididos entre a prefeitura e empresas privadas. O investimento já se pagou e está dando lucro. Estima-se que os novos negócios atraídos para a região movimentem hoje cerca de 10 milhões de reais por mês. O bairro ficou tão bonito que se tornou o novo ponto de encontro da cidade. Só nos fins de semana, cerca de 30 000 pessoas circulam pelas ruas do Recife Antigo. O número de bares dobrou desde 1993. “Nosso projeto foi inspirado no bairro francês da cidade americana de Nova Orleans”, explica o vice-prefeito e presidente da Fundação de Cultura da cidade do Recife, Raul Henry. “Reunimos num mesmo lugar história e divertimento.”

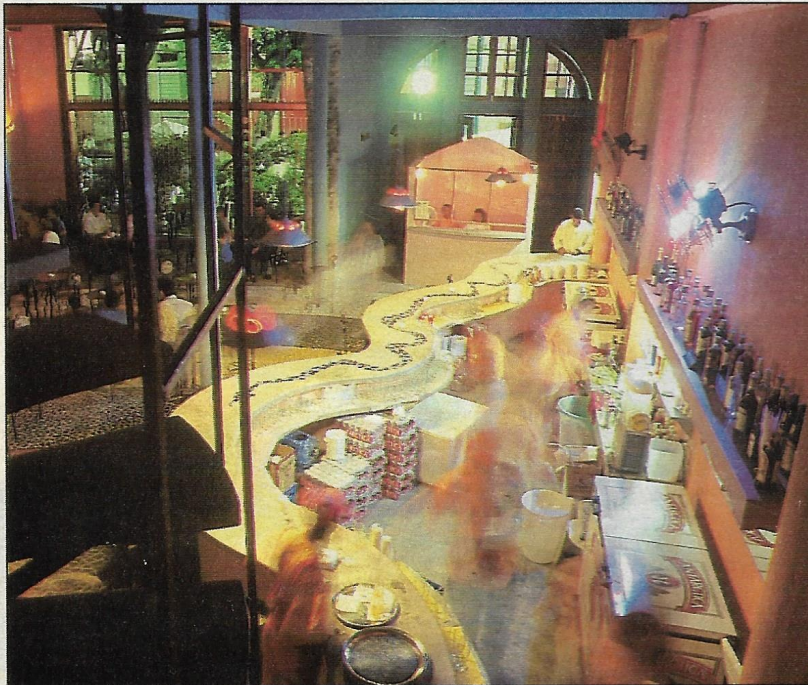
As mudanças no Recife Antigo são parte de um novo e saudável fenômeno que se vem alastrando pelas grandes cidades brasileiras. Abandonados durante muitos anos, os centros históricos estão recuperando seu antigo

prestígio. Em muitas cidades, tornaram-se lugares de intensa vida cultural e uma atração turística importante. A reforma do Pelourinho devolveu a Salvador um sítio histórico que atrai 100 000 visitantes por ano. São Luís tem mais de 200 construções centenárias tombadas e preservadas pelo patrimônio histórico. O mesmo está acontecendo em Belém, Fortaleza, João Pessoa, Curitiba e em várias outras capitais.

Concorrência — A restauração do Recife Antigo começou por uma única rua, a do Bom Jesus. É o local onde funcionou, em 1654, a primeira sinagoga da América Latina, a 100 metros do marco zero da cidade. A iniciativa da prefeitura estimulou empresas a promover a restauração de praças e edificações vizinhas, num efeito dominó que contaminou e embelezou todo o bairro. Nos próximos três anos, serão concluídas as restaurações das ruas da Alfândega e Pilar. No total, as mudanças abrangem 100 hectares — área igual à do Autódromo de Interlagos, em São Paulo — e 383 edificações. “A grande diferença entre a reforma no Recife Antigo e no Pelourinho é que em Salvador eles desalojaram os moradores para tocar as obras”, compara a diretora de projetos urbanos da Empresa de Urbanização do Recife, Celecina Pontual. “Aqui, foi o contrário: nós reformamos para atrair gente para uma área abandonada.”

O resultado é mais animador do que se imaginava. “No início, todo mundo tinha medo de investir no bairro”, diz o presidente da Associação dos Empresários do bairro do Recife, Murilo Cavalcante. “Depois, quando se descobriu que a reforma era para valer, houve uma corrida em bloco. Hoje, todos querem abrir negócios aqui.” A associação foi aberta em maio do ano passado, com 22 sócios. Hoje, são 42. A chegada dos empresários da noite trouxe um novo alento para o





Fachadas de casarões centenários que foram restauradas e o interior de um bar, na Rua Bom Jesus: 6 milhões de reais em reformas para recuperar uma região abandonada e perigosa

projeto de revitalização. Foram criados 600 empregos diretos em investimentos que vão de 30 000 até 300 000 reais. Estima-se que um negócio de 100 000 reais na área de divertimento pode ter o seu retorno em apenas doze meses. Além de restaurantes e bares, 56 escritórios comerciais se instalaram

no bairro nos últimos três anos. “Estamos vivendo uma época de fervura”, comemora o corretor de imóveis Alexandre Bernades. “Há dois anos ninguém queria trabalhar ou morar na região. Agora há filas para os aluguéis dos casarões restaurados, na faixa de 5 000 reais por mês.”

O sucesso na transformação do bairro é resultado de uma parceria entre poder público e iniciativa privada. Enquanto a prefeitura desapropriou e reformou 38 antigos casarões, várias empresas cederam tinta, consultoria de restauração e operários para as obras. As cinco praças do bairro foram adotadas por empresas, que se encarregam de sua conservação. Um investimento privado de 10 000 reais fez da Praça do Arsenal, antigo local de concentração de bêbedos e prostitutas do porto, um oásis que recebe hoje casais de namorados e turistas. Um policiamento ostensivo baixou a criminalidade a quase zero, mesmo nas noites de maior movimento.

Orson Welles — Isso tudo promete devolver ao Recife Antigo o esplendor de seus tempos dourados. Em 1910, moravam no bairro 13 204 pessoas, o equivalente a 12% da população da capital pernambucana na época (nos últimos anos, não chegava a 1%). Quando esteve no Brasil, em 1942, o cineasta americano Orson Welles, diretor de *Cidadão Kane*, passou várias noites nos bares e bordéis da região. Hoje, depois da reforma, o público que frequenta o bairro é bem eclético. Num determinado ponto da Rua Bom Jesus, concentram-se pessoas com mais de 25 anos e profissionais liberais, que preferem tomar uísque e dançar. Distante 20 metros está um grupo diferente, o dos mauricinhos e patricinhas. A grande mistura ocorre nas festas de rua. Elas acontecem toda quinta-feira durante o verão. Recentemente, um show de seresta dos cantores Silvio Caldas e Nelson Gonçalves levou 50 000 pessoas para as ruas. Para este ano está planejada uma comemoração dos quarenta anos da bossa nova. Outro evento importante será os 360 anos da chegada de Maurício de Nassau ao Recife, durante a invasão holandesa. No Carnaval, o bairro do Recife vai abrigar o que existe de mais tradicional, com desfiles de maracatus, caboclinhos e frevo de bloco. ■

FOTOS EDUARDO QUEIROGA